

A percepção de hospitalidade pelo Correio Aéreo Nacional: atendimento a populações isoladas da Amazônia, da sua criação até a década de 1990

Roberto Moreira Calçada Junior ^I
Luiz Octávio de Lima Camargo ^{II}

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central analisar a percepção da hospitalidade pelos tripulantes do Correio Aéreo Nacional (CAN), da Força Aérea Brasileira, no atendimento a populações isoladas da Amazônia, como hóspedes dessa região e das populações visitadas. Interessa também observar como os servidores públicos designados para essa missão reagiram ao apelo humano daquelas populações e como delas participam no ritual da hospitalidade. O referencial teórico centrou-se na contextualização da atividade do CAN, bem como na contextualização teórica da hospitalidade e de seus autores pertinentes. Do ponto de vista metodológico, após uma categorização pré-estabelecida, baseando-se nos tempos de hospitalidade (acolhimento, hospedagem, alimentação-comensalidade e entretenimento) foi realizada uma análise de conteúdo de entrevistas elaboradamente semiestruturadas. Além de resgatar um momento relevante da vida nacional, este trabalho pretende inserir-se na análise da hospitalidade em situações especiais.

Palavras-chave: Hospitalidade. Correio Aéreo Nacional (CAN). Acolhimento. Comensalidade. Entretenimento.

ABSTRACT

Aguardando tradução.

Aguardando tradução.

RESUMEN

Aguardando tradução.

I. Universidade Anhembi Morumbi – (UAM) – São Paulo/SP – Brasil. Tenente-Coronel Aviador Reformado da Força Aérea Brasileira (FAB).
E-mail: robcalcada@gmail.com

II. Universidade Anhembi Morumbi – (UAM) – São Paulo/SP – Brasil. Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris Descartes Paris V.
E-mail: octacam@uol.com.br

Recebido: 10/08/18

Aceito: 26/12/18

Aguardando tradução.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, com uma extensão territorial de um continente, isolou o interior do país e a Amazônia, em particular, não obstante algumas incursões desbravadoras, como a de Cândido Mariano da Silva Rondon (SÁ, 2009). Segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 632), integração nacional “significa a superação das divisões e rupturas e a união orgânica entre os membros de uma organização. De regra, essa organização é, atualmente, o Estado-nação”, complementando Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 633), em um processo de criação

de uma identidade comum a todos os grupos étnicos, linguísticos, religiosos e regionais, a fim de que se sintam parte da mesma comunidade política, definido pela ciência política contemporânea como construção da nação.

Em 13 de janeiro de 1927 foi sancionada pelo Presidente Washington Luiz a criação da Aviação do Exército (INSTITUTO HISTÓRICO CULTURAL DA AERONÁUTICA, 1990), uma pretensão dos militares, desde 1919, com o nascimento da Escola de Aviação que, com a presença da Missão Militar Francesa (Correia Neto, 2005; Bellintani, 2009), estabelece uma doutrina aérea brasileira acompanhada da estruturação e organização da aviação militar, com as primeiras turmas de Cadetes da Arma de Aviação.

Esses aviadores iniciaram, nos primórdios da década de 30, os voos, adentrando-se nesse país continente, em que muitos pagariam com a vida, segundo Siqueira (1989, p. 21), “a audácia daquelas investidas”.

Em 12 de junho de 1931, no Campo dos Afonsos, os Tenentes do Grupo Misto de Aviação, criado em 21 de março de 1931, Nélon Freire Lavenère-Wanderley e Casimiro Montenegro Filho realizam o primeiro voo do Correio Aéreo Militar (CAM) entre o Rio de Janeiro e São

Paulo, conduzindo a primeira mala postal, em um voo que durou aproximadamente três horas, para daí iniciarem os audaciosos voos pelo interior (INCAER, 1990).

Não era de se estranhar que, com o compromisso de integração nacional na instauração do Estado Novo, a chamada ‘Marcha para o Oeste’, como no discurso de passagem do ano de 1937 para 1938 Getúlio Vargas, (VARGAS, 1938) que coloca a aviação como protagonista dessa estratégia, para atingir localidades distantes dentro do Brasil e marcar a presença do seu governo. Face aos acontecimentos na Europa, onde a aviação se torna um vetor significativo nas atividades bélicas, seja na defesa ou mesmo nos movimentos das tropas, começa a surgir no Brasil o movimento para a criação de uma força própria da aviação militar, desvinculada do Exército e da Marinha.

Para tanto, em 20 de janeiro de 1941 é criado o Ministério da Aeronáutica e é nomeado para Ministro de Estado o Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, civil (Salgado Filho, 2009). Com o novo Ministério são extintas a Aviação Naval e a Aviação Militar do Exército Brasileiro, fazendo surgir a Força Aérea Brasileira, e, com a conseqüente extinção do Correio Aéreo Militar (CAM) e do Correio Aéreo Naval, surge o Correio Aéreo Nacional (CAN).

Com o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e Itália, em janeiro de 1942, é decretado o estado de guerra contra esses países. A 2ª Grande Guerra traz um avanço para a jovem Força Aérea, com novos equipamentos aéreos e de apoio à navegação, doutrina e adestramento do pessoal, criando bases de apoio e permitindo uma atualização radical perante os equipamentos existentes, principalmente ao substituir os arcaicos aviões do CAN.

Em 1944, foi criado o 1º Grupo de Patrulha (BRASIL, 1944) com sede em Belém, equipado com os hidroaviões Catalina, para patrulhamento do litoral norte do Brasil e da foz do rio Amazonas, com a presença de pilotos e equipagens americanas, na época ainda vinculados ao Exército Americano. Ainda em 1944, a FAB inicia o recebimento do que havia de moderno no transporte aéreo, o Douglas C-47, excelente para as missões do Correio Aéreo, na incursão para as regiões mais desprovidas e carentes, apesar de somente operar em terra, em aeródromos, não necessariamente bem estruturados: foi o início do ápice do CAN.

Terminada a guerra, os americanos desocupam as instalações que utilizavam em Belém, na área de “*Val-de-Cans Field*”, mas o CAN estava lá e permanecia na Amazônia, nos seus rios, nas suas barrancas (INCAER, 2005).

As décadas de 1950 e 1960 foram as mais operacionais dessa aviação, visto que toda a Amazônia era coberta pelos aviões Catalina, inicialmente como aeronaves de Patrulha, posteriormente modificados para as Missões de

Transporte, de 1958 a 1960, inclusive no Núcleo de Parque de Aeronáutica de Belém, e pelos aviões C-47 Douglas (INCAER, 2014).

Em 1968, vieram os turboélices C-115 Búfalos, que possuíam a capacidade de decolar e pousar curto em terra, adequados para áreas sem boas infraestruturas como a Amazônia. Os C-115 Búfalos, cumprindo o seu ciclo natural de vida, tiveram a sua desativação de 2005 a 2008, sendo substituídos pelos C-105 Amazonas (AEROVISÃO, 2011). Os Catalinas, incorporados no pós-guerra ao CAN para o transporte de cargas e pessoal, foram desativados em 1982 e, na sequência, em 1983, o C-47. Com essas desativações perderam-se dois grandes equipamentos que constituíam a ‘espinha dorsal’ do CAN nessa região, ficando essa atividade com os C-95 Bandeirantes e, posteriormente, pelos C-98 *Caravans*, aviões menores e com algumas restrições, pois não pousavam na água (AEROVISÃO, 2011, 2015).

As crises econômicas se sucederam e os interesses estatais priorizaram as iniciativas da aviação civil. O CAN também mudou. Os aviões anfíbios não mais voam e somente existem os turboélices e os jatos. A ajuda humanitária persiste, por iniciativa da FAB ou por solicitação dos governos locais, ou em apoio às ONGs que atuam na região.

Nesse sentido, o presente trabalho parte da seguinte questão: como a teoria da hospitalidade poderá lançar uma nova luz nas atividades do CAN, em sua tentativa de integrar populações isoladas, da sua criação até a década de 1990? Como objetivo central, propõe-se compreender nessas atividades do CAN, no recorte temporal proposto, sob a ótica da hospitalidade, na percepção de seus tripulantes, os hóspedes, e especificamente com ‘atores’ que permitiram a interpretação dessa realidade e, daí estabelecer um marco analítico da temática da hospitalidade percebida pelos tripulantes do CAN.

2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com entrevistas semiestruturadas e tratadas pela análise de conteúdo. Foram estabelecidas previamente as seguintes categorias com base nos tempos da hospitalidade (Camargo, 2015): o acolhimento, a hospedagem e a alimentação e o entretenimento para permitir e, ao mesmo tempo, limitar as questões e os tópicos para análise dos depoimentos colhidos, sem generalização. Segundo Gomes (2016, p. 80), a categorização “pode ser realizada previamente, exigindo um conhecimento sólido por parte do pesquisador” e tiveram o objetivo de se obter diferentes percepções das manifestações de hospitalidade das populações isoladas, segundo Bauer (2002, p. 70), “uma amostra do espectro dos pontos de vista”.

A seleção dos participantes levou em conta o conhecimento, a vivência e a atuação nas atividades do CAN. Segundo Severino (2015, p. 214-215), “a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, ela deve lhe dizer respeito”. Infelizmente os anfitriões nas comunidades não puderam ser contatados, dado o tempo decorrido dessas atividades e as dificuldades de acesso a essas áreas.

As entrevistas obedeceram a um roteiro estabelecido que continha questões abertas, para que relatassem fatos, o que sentiram e fizeram como testemunhas dessa história. Essas entrevistas foram realizadas por meio de contatos telefônicos e trocas sistemática de mensagens eletrônicas, procurando preservar a clareza da comunicação e a fidelidade das informações. Cabe registrar que algumas correções foram efetuadas, como foram adequações para leitura, mantendo-se a fidelidade das manifestações.

Foram entrevistados o Brigadeiro Reformado (Refm.) Clóvis de Athayde Bohrer (doravante chamado de Athayde), que voou no CAN de 1948 a 1970, o Coronel Refm. Ary Pereira Barbosa (doravante chamado de Ary), que voou no CAN de 1961 a 1983, o Coronel Refm. Luiz Carlos Rosa (doravante chamado de Luiz Carlos), que no CAN da Amazônia, voou de 1975 a 1995, o Coronel Refm. Fernando da Cunha Machado Costa (doravante chamado de Fernando), que voou no CAN de 1975 a 1986, e o Suboficial Refm. João Alfredo de Oliveira (doravante chamado de João Alfredo), que foi Radiotelegrafista de Voo (RTVO) e esteve no CAN da Amazônia de 1971 a 1985.

A análise de conteúdo, segundo Bardin (2016, p. 201), “é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples”. Ela desdobrou-se em três etapas, que, segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 309) são “a pré-análise (seleção do material e definição dos procedimentos a serem seguidos), a exploração do material, e o tratamento dos dados e interpretação”.

3 HOSPITALIDADE

Como contextualizar o problema à luz das teorias da hospitalidade? Destaque-se o fato de que a cena hospitaleira marcada pelo contato do CAN com as populações isoladas inspira-se no projeto do hóspede e não do anfitrião. Nasce a partir da constatação pela Aeronáutica de que é insuportável que populações inteiras permaneçam isoladas dos grandes centros e padecendo de graves problemas de assistência e de integração.

Para um entendimento da hospitalidade, Leonardo Boff (2005) apresenta o mito de Báucis e Filêmon, em que, segundo o qual, Zeus, o Senhor do Olimpo, e Hermes, seu filho, decidiram, disfarçados de pobres, virem à terra e circularem entre os mortais para verem

como se comportava a humanidade. Cansados e rejeitados por todos, Zeus e Hermes chegaram à Frígia e encontraram ali um casal de velhos, Filêmon e Báucis, que, apesar da pobreza, fizeram tudo para acalentar os deuses que ficaram comovidos com a hospitalidade do casal que lhes dava tudo do pouco que tinham.

Segundo Grinover (2002, p. 26), hospitalidade “significa a recepção e o entretenimento de hóspedes, visitantes, estrangeiros[...]”, acrescentando que “a hospitalidade supõe a acolhida; [...] é uma lei universal. Acolher é permitir, em certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço” (GRINOVER, 2002, p. 32).

Camargo (2015, p. 47) ressalta, citando Derrida, que “não existe vínculo social nem cultura sem um princípio de hospitalidade”, afirmando que “a relação interpessoal é o componente básico da cena hospitaleira” (Camargo, 2015 p. 48), sendo que a interação entre os homens, e a consequente socialização, é significativa como “um fator de hominização” (CAMARGO, 2008, p. 22).

Em Levinas (1988, p. 38), “o modo como o outro se apresenta, ultrapassando a ideia do outro em mim, chamamo-lo, de fato, rosto”, uma expressão que derrama imagens (como uma linguagem), sempre presente no pensamento, com o seu entendimento de que o rosto se abre para outras perspectivas que nos levam para um entendimento ou compreensão do ser, dissociada da sua própria compreensão e do seu poder, significando “a anterioridade filosófica do ente sobre o ser”.

Montandon (2011, p. 1303) escreve sobre a visita na dimensão privada, mas é óbvio que seus conceitos são perfeitamente aplicados nas, como ele próprio diz, “[...] visitas oficiais nos meios diplomáticos e administrativos [...]”, como é o caso das visitas do CAN às comunidades isoladas. Ainda segundo Montandon (2011, p. 1303), as “visitas e recepções são momentos de hospitalidade importantes dentro da vida social”, afirmando que, as culturas e os momentos do tempo desenham suas formas e maneiras e se customizam, mas mantêm a sua forma original, ancestral.

O encontro estabelece o vínculo, que será mais ou menos profundo na medida em que o ato se desenvolve e se estabelece, alcançando cada um desses personagens naquilo que, em cada um, preenche as suas expectativas. Segundo Gotman (Raynal, 2013), tanto o hóspede como o anfitrião devem honrar um ao outro. O fato de, na chegada do hóspede, ele ser acolhido com certa pompa pela comunidade é uma deferência do anfitrião e pode ser justificada pelo registro de Pitt-Rivers (2012) como um legado dos ancestrais. Ainda segundo Pitt-Rivers (2012, p. 515), “comida e bebida sempre têm valor ritual, pois a ingestão das mesmas coisas cria um vínculo”.

A hospitalidade, segundo Camargo (2008), envolve sempre algum tipo de troca e, como tal, sua abordagem

conduz naturalmente a Mauss e à troca baseada no dar-receber-retribuir (Mauss, 2013). Montandon (2011, p. 1306) destaca, também lembrando Mauss, que a troca é um “exercício das prestações e contraprestações”, em um ciclo virtuoso que permite ao anfitrião extravasar, em certas circunstâncias, ao honrar o seu hóspede, o seu lado narcisista, pois está satisfazendo a ele mesmo, honrando a si próprio.

Seria a dádiva desinteressada? Segundo Caillé (2002, p. 194) ela não é desinteressada,

simplesmente, ela dá o privilégio aos interesses de amizade (de aliança, sentimentos de amor, solidariedade, etc.) e de prazer e/ou de criatividade sobre os interesses instrumentais e sobre a obrigação ou a compulsão. (CAILLÉ, 2002, p. 194).

Pérol (2011) cita São Cipriano de Cartago, relacionando-o à hospitalidade pelos atos ou pelas obras que o cristianismo espera de seus devotos: abrigar os sem abrigo, alimentar os famintos, dar de beber a quem tem sede, vestir os despidos, visitar os doentes, os cativos, e sepultar os mortos.

A comensalidade é importante na hospitalidade. Boutaud (2011, p. 1213) afirma que

comer juntos assume, então, um significado ritual e simbólico muito superior à simples satisfação de uma necessidade alimentar.

E, até por isso, que toda e qualquer recepção ou homenagem ao hóspede acontece por uma refeição revestida de toda pompa e cerimonial próprio àquela comunidade e a sua cultura, um ‘banquete’, em que, normalmente, é oferecido tudo que existe de melhor em se tratando de comida e bebida, seja no convívio do lar ou do grupo social, no luxo ou na simplicidade ou humildade do anfitrião.

A comensalidade é mais uma cena desse espetáculo teatral chamado hospitalidade com manifestações de convivialidade; a comensalidade integra, estabelece, ou consolida vínculos. Como diz Boutaud (2011, p. 1215), “se a relação em torno da mesa cria um laço, com maior frequência ainda fortalece o laço existente”.

Entreter o hóspede é uma das necessidades do processo hospitaleiro, segundo Telfer (2004, p. 56) e, como tal, um bom hospedeiro:

será alguém que deixará seus hóspedes felizes – ou tão felizes quantos seus esforços e ajudas forem capazes – enquanto estiverem sob sua atenção.

Completando, segundo a Telfer (2004), as palavras hospitalidade e entretenimento podem ser consideradas equivalentes em certas circunstâncias. Segundo Lugosi (2008, p. 140, apud King, 1995),

ao longo da história, a hospitalidade estava inseparavelmente ligada ao entretenimento e à divertida interação entre o anfitrião e o hóspede.

Rodrigues (2015, p. 21) completa a reflexão dizendo que,

o espaço da hospitalidade gerido, pelo anfitrião hospitaleiro, é um espaço de verdade e de genuinidade, pois em nome da felicidade do hóspede o melhor é disposto: alimento, tempo, espaço, entretenimento, companhia, e etc.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao se analisar o acolhimento, os entrevistados concordaram que as localidades afastadas somente podiam ser alcançadas por via aérea ou por rios nem sempre navegáveis durante todo o ano, e a chegada de uma aeronave do CAN tinha um significado maior que a simples chegada de novos visitantes, ao trazer para as comunidades afastadas, muitas das quais desassistidas, a sensação de que alguém se lembrava delas ou olhava por elas, na esperança de que um dia esse olhar se tornasse habitual.

Como disse o Brigadeiro Athayde, nessas ocasiões a recepção e esse acolhimento proporcionados davam aos tripulantes a percepção de que existia um sentimento de gratidão expressa pelos anfitriões “através do brilho em seus olhos e o sorriso tímido que nos dirigiam”, e que era “motivo de profunda emoção” essa percepção, despertando a convicção do que significava para essas comunidades a presença do CAN (CALÇADA, 2018, p. 134).

Outro entrevistado, o Suboficial João Alfredo, relatou que “o acolhimento das comunidades era sempre cercado de muitos carinhos e satisfações”(CALÇADA, 2018, p. 181), observando no rosto dos anfitriões, uma manifestação compreendida como um gesto de boas-vindas ao CAN. A recepção, o acolhimento que proporcionavam às tripulações, constituía um sentimento puro de gratidão e os levava a externar seu agradecimento da forma que as suas condições permitiam, ofertando algum artesanato simples, sem qualquer valor material, mas com grande significado para eles, doadores da ‘coisa’, e que se vendo como anfitriões ofertavam outros produtos por eles colhidos ou preparados, como frutas, peixes, castanha-do-pará, doces da região, exemplares da fauna local, de sua estimação (CALÇADA, 2018, p. 135).

Lembrando Grinover (2002, p. 32), “a hospitalidade supõe a acolhida [...]”, e acontece o que Camargo (2008, p. 19) chama de atributo da hospitalidade, “o chamado encontro hospitaleiro”. Recusar um presente, uma honraria, uma lembrança é algo que ainda soa insultuoso, mesmo nos atuais dias, e pode provocar a hostilidade. Segundo Fernando,

as demonstrações de reconhecimento eram constantes, tanto por parte das populações indígenas como por parte dos habitantes de outras etnias das localidades visitadas.(CALÇADA, 2018, p. 175).

Como disse o Coronel Ary, eles recebiam agradecimentos por aquilo que lhes chegava como assistência e apoio, por intermédio de

palavras e manifestações, convites para visitas às suas casas, e até pela oferta de algo que possuíam, como um paneirinho de castanhas do Pará. (CALÇADA, 2018, p. 145).

Os entrevistados foram unânimes em afirmar que os gestos partindo de pessoas simples os levavam à emoção, pois viam estampados nos rostos e olhares dos locais a gratidão pelo apoio que recebiam, lembrando o ‘rosto’ de Levinas (1988), uma expressão que derrama imagens. Essa importância de reconhecer o rosto do outro como semblante foi um destaque dos entrevistados. Daí destacar-se, segundo Camargo (2015, p. 59), que é nesses interstícios da hospitalidade que é possível “inferir que na relação interpessoal acontecem trocas de bens tangíveis e intangíveis...” e que “a relação interpessoal é o componente básico da cena hospitaleira” (CAMARGO, 2015, p. 47).

Analisando-se a hospedagem, os entrevistados concordaram que normalmente não havia necessidade de acomodação, na medida em que se chegava e se saía no mesmo dia. A acomodação acontecia basicamente quando, nos Batalhões ou Pelotões de Fronteira, havia instalações do EB que possuíam alojamentos para trânsito que, segundo o Coronel Luiz Carlos, “eram acomodações simples, mas muito bem cuidadas”(CALÇADA, 2018, p. 170). Registraram ainda que as missões religiosas na Amazônia também apoiavam, quando necessário e em determinadas rotas, as tripulações na hospedagem, principalmente nas missões localizadas no alto do Rio Negro (Prelazia do Rio Negro). Quando não ocorriam pernoites nos quartéis ou nas missões religiosas, todos nas comunidades se mobilizavam, sem obstáculos ou dificuldades, para ofertar hospedagem, mesmo em simples ou mesmo rústicas ou precárias instalações, como Zeus e Hermes chegando à Frígia, pois a população procurava a melhor solução.

Segundo o Suboficial João Alfredo,

Prefeitos e religiosos que prestavam apoios aos indígenas e o pessoal responsável pelos núcleos de proteção ao voo, fosse militar ou civil, logo se movimentavam, e no momento propício todos estavam acomodados [...] (CALÇADA, 2018, p. 183).

Era o que ocorria pelo interior pobre do Acre: Xapurí, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul ou Brasileia, entre outras.

Torna-se pertinente resgatar a alusão à ‘dádiva desinteressada’ de Caillé (2002, p. 194), ao dizer-se que ela não é desinteressada, “simplesmente, ela dá o privilégio aos interesses de amizade (de aliança, sentimentos de

amor, solidariedade, etc.) e de prazer e/ou de criatividade sobre os interesses instrumentais e sobre a obrigação ou a compulsão”. Nas palavras do Brigadeiro Athayde,

sempre aparecia alguém que tinha em sua casa um cômodo disponível ou tinha conhecimento de um amigo que o possuía, mesmo que de forma precária, poderia alojar tripulantes e passageiros.(CALÇADA, 2018, p. 136).

Lembrando-se de Boff (2005, p. 102), com o mito de Zeus e Hermes, que “tão expressivo quanto lavar os pés, dar de comer e beber superabundantemente é oferecer a própria cama para o repouso de estranhos”, é uma dimensão da hospitalidade.

Quando se analisa a alimentação e a comensalidade, declarou o Coronel Ary que nas Missões Religiosas (Tapurucuara, Taracua, Içana, e Pari-Cachoeira),

Em cada amerissagem intermediária, nos aguardava um sem-número de iguarias e sucos, servidos no flutuante por alunas dos Colégios das Missões.(CALÇADA, 2018, p. 148).

Tendo uma lembrança: “em Uaupés, face ao horário da passagem por ali, tínhamos o almoço, também servido no flutuante por alunas do Colégio da Missão” (CALÇADA, 2018, p. 148).

Os entrevistados são unânimes em declarar terem a percepção de serem alimentados com júbilo pelas comunidades civis ou militares, mesmo em simples campos de pouso ou nas barrancas dos rios onde as comunidades faziam chegar de barco comidas quentes em viandas às tripulações.

O Brigadeiro Athayde relata que, nesses campos de aviação com construções precárias, havia sempre “uma mesa com frescos de frutas da região e pratos típicos diversos preparados pela comunidade”(CALÇADA, 2018, p. 137), além de nas missões receberem, preparados pelos próprios religiosos, mormente freiras, “o jantar e o café da manhã, simples, mas fartos e confeccionados com especial atenção e carinho”(CALÇADA, 2018, p. 137).

Segundo o Coronel Ary, “nas Missões Religiosas era de praxe o convite para o jantar, na residência dos padres/ frades ou na sala de jantar dos colégios”(CALÇADA, 2018, p. 149), e o cardápio dos jantares variava de acordo com a época da cheia ou da seca dos rios, relatando que, na abundância, no cardápio do jantar ofereciam-se três opções: galinha caipira, peixes nobres (filhote de pirarara, pirarucu, tambaqui ou tucunarê) e carne de caça (anta, capivara, porco do mato, tartaruga, e até jacaré), com saladas de legumes e hortaliças, feijão ou fava, arroz, acompanhamentos vários

(abóbora, batata inglesa e doce, inhame, mandioca, etc.), e a imprescindível farinha d'água; água, sucos e sobremesas de doces caseiros e compotas regionais (creme de bacuri, de cupuaçu ou de graviola), além de outras frutas. Na manhã do dia seguinte, diz ainda, “tínhamos café com sucos de frutas regionais, pão caseiro, rosquinhas de trigo e brevidades, tapiocinhas, ovos, queijos e bolos”, ainda completando: “se provássemos de tudo, não cumpriríamos a decolagem (em função do peso)”(CALÇADA, 2018, p. 150).

O Coronel Ary traz ainda uma curiosidade da realização da linha de Tabatinga, no Alto Solimões:

o jantar era competitivo e combinado entre os anfitriões, ou seja, num dia era na residência do Comandante de Fronteira, em Tabatinga (Brasil) e no outro era na residência do D.r Ozéas Martins - Vice-Cônsul do Brasil em Letícia (Colômbia).(CALÇADA, 2018, p. 150).

Como se viu em Boff (2006, p. 16), na comensalidade podem-se destacar, como importantes características, a solidariedade e a cooperação, na interação e construção das relações humanas, pois coube ao homem iniciar as características básicas da espécie humana, diferente de outras espécies.

Cabe aqui lembrar Boutaud (2011, p. 1213), quando afirma que “comer juntos assume, então, um significado ritual e simbólico muito superior à simples satisfação de uma necessidade alimentar”, e como conceitua a comensalidade: “essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento”, e que (2011, p. 1215): “se a relação em torno da mesa cria um laço, com maior frequência ainda fortalece o laço existente”, como também é assinalado por Selwyn (2004) quando diz que as ações ligadas à hospitalidade fortalecem as novas ou existentes relações, como podem transformá-las.

O Suboficial João Alfredo relata que, em uma aldeia dos Mundurucus¹, localizada na cidade de Cururu, às margens do rio de mesmo nome (Cururu), um afluente do rio Tapajós, entre as localidades de Jacareacanga e Cachimbo, era um deleite a hora da refeição com os religiosos da missão, e que “em mesa longa, serviam dezenas de iguarias feitas com carne de animais, domésticos e silvestres, oferecidos (sic) pelos índios”(CALÇADA, 2018, p. 182).

No entretenimento, segundo Pitt-Rivers (2012), na chegada, os hóspedes, por uma deferência de seu anfitrião, devem ser acolhidos com certa pompa pela comunidade. Percebeu-se que os tripulantes do CAN entrevistados são comedidos nesse quesito, mas são unânimes em declarar terem a percepção de que seus anfitriões demonstravam alegria em os acolherem e buscavam deixá-los felizes (CALÇADA, 2018, p. 94). O Brigadeiro Athayde declarou

¹ Mundurucus: povo de tradição guerreira que dominava culturalmente a região do Vale do Tapajós, região que, nos primeiros tempos de contato e durante o século XIX, era conhecida como Mundurukânia. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku/print>. Acesso em: 13 jul. 2017.

que, em contato com os indígenas, nos ambientes em que eram recepcionados, percebia-os alegres, porém mais retraídos que festivos, apesar de prestativos, mas, quando a estada coincidia com uma data festiva da comunidade, os tripulantes eram agraciados com um convite para estarem com eles em locais públicos.

Segundo o Coronel Ary,

nos locais de pernoite, essas 'festas' se revestiam de algum desdobramento por parte do anfitrião, principal ou não, atendido por aquela 'visita oficial' da tripulação. (CALÇADA, 2018, p. 150).

Relata ainda:

nas Unidades do Exército, éramos distinguidos com o convite para participar de um jogo de futebol (pelada) com os integrantes da Guarnição, seguida de um lauto jantar para colocar em dia as notícias do Brasil. (CALÇADA, 2018, p. 150).

Já nas missões religiosas, continua o Coronel Ary,

era obrigatório o convite para um jogo de futebol contra a 'seleção' dos indígenas, e as apresentações de danças do folclore indígena dos alunos e alunas ou do coral das alunas em cantos folclóricos e religiosos. (CALÇADA, 2018, p. 150).

Destacando-se o convite "para o caxiri², feito pela Irmã Irene – Diretora do Colégio da Missão Salesiana - quando em Iauaretê"(CALÇADA, 2018, p. 151).

Nas declarações dos entrevistados é percebida também a necessidade de descanso que tinham as tripulações como um fator inibidor de maior participação nas manifestações das comunidades, pois as atividades do voo eram iniciadas muito cedo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amadurecimento do emprego da aeronave, não somente como arma de guerra, possibilitou o desdobramento de sua utilização como vetor social, ao buscar, mesmo que obedecendo a interesses políticos, como uma ferramenta de propaganda do 'nacionalismo' de Estado, a integração de brasileiros isolados, e até esquecidos, carentes de atenção e assistência.

Infelizmente os casos daqueles que viajaram ou viajam para desbravar destinos insólitos ou para ajudar pessoas isoladas não fazem parte de estudos turísticos. Apenas recentemente considera-se o volunturismo como o caso daqueles que voluntariamente propõem-se a auxiliar as

populações locais. Nessa categoria podem ser incluídos também os que viajam como profissionais, como é o caso que aqui interessa, o do Correio Aéreo Nacional.

Os entrevistados descrevem as dificuldades que as populações tinham para se movimentarem nessas regiões e para alcançarem as suas localidades afastadas, indo ou vindo dos maiores centros, e que somente o faziam por via aérea ou por rios nem sempre navegáveis durante todo o ano. Compreende-se assim o significado da chegada do CAN. Mais do que a simples chegada de novos visitantes, os locais sentiam-se lembrados ou, ao menos, não totalmente esquecidos.

A pesquisa consistiu na análise dos depoimentos de participantes do CAN, já que se pretendia compreender essa atividade do ponto de vista da hospitalidade, por meio das suas percepções, nas categorias que foram previamente escolhidas e que consistem nos chamados tempos da hospitalidade: acolher, hospedar, alimentar e entreter.

Na categoria acolhimento, foram registradas as trocas e os presentes ofertados pelas comunidades e missões religiosas aos tripulantes. Na categoria hospedagem, conheceu-se como ocorriam esses pernoites e o que cercava essa hospedagem, uma dimensão da hospitalidade, ao cederem, algumas vezes, a sua própria casa. Na categoria alimentação e comensalidade conheceu-se como eram alimentados os tripulantes e quando e como compartilhavam essas refeições com essas comunidades, os anfitriões - nas residências, nas missões religiosas, descrevendo a percepção de júbilo em compartilhar, construindo ou consolidando relações de convivialidade, ações ligadas à hospitalidade. Na categoria entretenimento conheceu-se, no encontro das tripulações do CAN com as populações, momentos de interação nas cenas hospitaleiras, com manifestações de alegria, com episódios marcantes para os entrevistados, honrados pelos anfitriões.

Esta pesquisa procurou identificar como os participantes do CAN, nos encontros com as comunidades locais, sentiam-se partícipes de uma cena hospitaleira, no acolhimento, hospedagem, alimentação-comensalidade e entretenimento. Vale dizer que há virtualidades humanas a serem resgatadas muito além das suas missões oficiais. Como ocorre com frequência em estabelecimentos comerciais, pode-se dizer que a hospitalidade transbordava da missão, ou seja, havia na relação entre os participantes do CAN e os locais mais que o simples exercício de uma tarefa.

Desejava-se saber também - e isto foi considerado essencial até mesmo pela ausência de depoimentos dos anfitriões - como os tripulantes, na tradição militar, com rígidos protocolos, reagiram ao apelo humano das

² Caxiri: bebida fermentada indígena, sempre preparada pelas mulheres, um tipo de cerveja, à base de mandioca. O caxiri é preparado em grandes quantidades durante as festas indígenas e os mutirões, ou trabalhos coletivos, na derrubada ou plantio das roças. Disponível em: <http://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/caxiri/>. Acesso em: 13 ago. 2017.

comunidades visitadas. Limitar-se-iam aos protocolos ou deixariam transbordar para além da obrigação profissional o reconhecimento desse clamor humano? O próprio interesse dos entrevistados em participar da pesquisa e o carinho com que guardam recordações dessa época não deixaram dúvidas de que anfitriões e hóspedes portaram-se adequadamente nas inúmeras cenas hospitaleiras. Os depoimentos daqueles que vivenciaram essa história revelaram a hospitalidade dominante nesse cenário e a imensa satisfação desses profissionais ao darem e receberem o carinho dessas populações, as verdadeiras trocas.

Num país cuja história está repleta de hostilidade para com as populações autóctones, como aquelas dos que se aventuraram a desbravar o interior - a crueldade dos bandeirantes, a opressão dos seringueiros, a destruição dos quilombos, o genocídio indígena - , ao reler-se a saga desses personagens que se arriscaram em aeronaves outrora frágeis, em campos de pouso rudimentares ou rios nem sempre amistosos, além de outros desafios,

percebe-se estar diante daquilo que, como lembra Camargo (2015), constitui um interstício, uma fresta de hospitalidade num cenário hostil.

Conhecer o pioneirismo do CAN e o que ele representou e representa na atualidade para as populações isoladas, mesmo que tenha a sua atuação adaptada à realidade econômica atual do país, é essencial para o reconhecimento do seu valor social e, à luz da hospitalidade, para a compreensão do papel de seus participantes, bem como da existência de hospitalidade nos interstícios de suas atividades. Enfim, com este trabalho, foi possível efetuar uma reflexão acerca das atividades do CAN sob uma nova perspectiva, um novo 'olhar', sob a 'lente' da hospitalidade.

Acredita-se não se encerrar com este trabalho a exploração deste tema, visto ser possível a aplicação dos resultados desta pesquisa em outras dimensões da hospitalidade, por intermédio de novas pesquisas e outros estudos, pois o Correio Aéreo Nacional, apesar de institucional, carrega consigo um forte apelo à hospitalidade incondicional.

REFERÊNCIAS

AEROVISÃO. **A revista da Força Aérea Brasileira**, Brasília, DF, n. 230, p. 10-11, p. 42, abr./mai./jun. 2011. Disponível em: <http://docslide.com.br/download/link/aerovisao-a-revista-oficial-da-forca-aerea-brasileira-ed-230>. Acesso em: 06 set. 2016.

AEROVISÃO. **A revista da Força Aérea Brasileira**, Brasília, DF, n. 246, p. 40-41, out./nov./dez. 2015. Disponível em: <https://docslide.com.br/download/link/aerovisao-no-246-outnovdez-2015>. Acesso em: 06 set. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BELLINTANI, A. I. **O Exército brasileiro e a missão militar francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3811>. Acesso em: 09 set. 2016.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de política I**. 11. ed. Brasília: Ed. Unb, 1998.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade, direito e deveres de todos**. Petrópolis: Vozes, v. 1, 2005.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível: comer e beber juntos e viver em paz**. Petrópolis: Vozes, v. 3, 2006.

BOUTAUD, J. J. **Comensalidade: compartilhar a mesa**. In: MONTANDON, Alain. (Org.) **O livro da hospitalidade - acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC, 2011. p. 1213-1230.

BRASIL. Decreto-Lei nº 6.796, de 17 de agosto de 1944. Cria Unidades de Aviação. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 ago.1944, Seção 1, p. 14537. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6796-17-agosto-1944-382903-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 07 set. 2016.

CAILLÉ, A. **Dádiva e Associação**. In: MARTINS, Paulo H. (Org.) **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 191-205.

CALÇADA, R. M. J. **A hospitalidade percebida pelos tripulantes do Correio Aéreo Nacional (CAN) no atendimento às populações isoladas da Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2018. Disponível em: https://portal.anhembi.br/wp-content/uploads/2018/12/dissertacao_ROBERTO-MOREIRA-CALÇADA-JUNIOR.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.

CAMARGO, L. O. de L. **Hospitalidade**. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 2005.

CAMARGO, L. O. de L. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano 5, n. 2, p. 15-51, jul./dez. 2008.

- CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 12, n. especial, p. 42-69, maio 2015.
- CORREIA NETO, J. Missão Militar Francesa. **Revista Da Cultura**, FUNCEB-Fundação Cultural Exército Brasileiro. Brasília, DF: n. 8, p. 34-39, 2005. Disponível em: http://www.funceb.org.br/images/revista/17_4p2s.pdf. Acesso em: 05 set. 2016.
- DICIONÁRIO ilustrado Tupi Guarani. Caxiri. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/caxiri/> Acesso em: 13 ago. 2017.
- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016. p. 72-95.
- GRINOVER, L. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia M. (Org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.
- INSTITUTO HISTÓRICO CULTURAL DA AERONÁUTICA. **História Geral da Aeronáutica Brasileira**. v. 2. Rio de Janeiro: INCAER, 1990.
- INSTITUTO HISTÓRICO CULTURAL DA AERONÁUTICA. **História Geral da Aeronáutica Brasileira**. v. 3. Rio de Janeiro: INCAER, 1991.
- INSTITUTO HISTÓRICO CULTURAL DA AERONÁUTICA. **História Geral da Aeronáutica Brasileira**. v. 4. Rio de Janeiro: INCAER, 2005.
- INSTITUTO HISTÓRICO CULTURAL DA AERONÁUTICA. **História Geral da Aeronáutica Brasileira**. v. 5. Rio de Janeiro: INCAER, 2014.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. D. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2017.
- LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LUGOSI, P. Hospitality Spaces, Hospitable Moments: Consumer Encounters and Affective Experiences in Commercial Settings, **Journal of Foodservice**, v. 19, n. 2, p. 139-149, 2008.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2013. p. 51-223.
- MONTANDON, A. Convidar/Receber. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade - acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC, 2011. p. 1303-1309.
- PÉROL, C. Amar e Agir. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da hospitalidade - acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: SENAC, 2011. p. 1281-1293.
- PITT-RIVERS, J. The law of hospitality. In: The Fate of Shechem or The Politics of Sex: **Essays in the Anthropology of the Mediterranean**. University of Edinburgh. Edinburgh, Scotland, UK: HAU, Journal of Ethnographic Theory, v. 1. n.1. p. 501-517 (reprint), 2012. Disponível em: <http://www.haujournal.org/index.php/hau/article/viewFile/99/120>. Acesso em: 26 set. 2016.
- POVOS Indígenas no Brasil. Munduruku. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>. Acesso em: 13 jul. 2017.
- RAYNAL, M. Entrevista com Anne Gotman. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 146-157, 2013.
- RODRIGUES, J. F. **Alarga o espaço da tua tenda: uma abordagem teológica da hospitalidade inter-religiosa**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7373/3/000470272%20-%20Texto%20completo.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.
- SÁ, L. V. **Rondon: o agente público e político**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=618&q=Rondon%3A+O+Agente+P%C3%ABlico+e+Pol%C3%ADtico&oq=Rondon%3A+O+Agente+P%C3%ABlico+e+Pol%C3%ADtico&gs_l=psy-b.12.33i160k1.1751763.1751763.0.1753983.1.1.0.0.0.587.587.5-1.1.0.dum_my_maps_web_fallback...0...1.1.64.psy-ab.0.1.586...0.Lsy9vMI6W1E. Acesso em: 07 set. 2017.
- SALGADO FILHO, J. P. **Verbetes Biográfico**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/salgado-filho-joaquim-pedro>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- SELWYN, T. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004. p. 25-52.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- SIQUEIRA, D. L. de. **Caminhando com Eduardo Gomes**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 1989.
- TELFER, E. A filosofia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). **Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004. p. 53-78.
- VARGAS, G. D. **No limiar do ano de 1938**. Discurso. Biblioteca da Presidência da República. Rio de Janeiro, 1938. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/getulio-vargas/discursos/1937/08.pdf/view>. Acesso em: 19 ago. 2017.